



SEGUNDA EDIÇÃO  
**FORMAÇÃO EM ESTRATÉGIAS  
DE EMPODERAMENTO  
DE ADOLESCENTES  
E JOVENS EM SITUAÇÃO  
DE VULNERABILIDADE  
SOCIAL - JAVU**

RACKYNELLY ALVES SARMENTO SOARES  
ANDRÉ RIBEIRO DA SILVA  
MARIA FATIMA DE SOUSA  
JITONE LEÔNIDAS SOARES  
ANA VALÉRIA MACHADO MENDONÇA  
(ORGANIZADORES)

2020



MINISTÉRIO DA  
SAÚDE





# Formação em estratégias de empoderamento de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social – JAVU

2ª Edição

## Ficha Técnica

Esta obra é licenciada nos termos Creative Commons, sendo todos os direitos reservados. É permitida a reprodução, disseminação e utilização desta obra, em parte ou em sua totalidade, desde que citada a fonte.

© 2020

Universidade de Brasília - UnB  
NESP – Núcleo de Saúde Pública

**Coordenação do Curso Técnico-Pedagógica**  
Coordenadora UTICS e Coordenadora do NESP/UnB  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Valéria Machado Mendonça

**UEPSF** (Unidade de Estudos de Saúde da Família)

**Coordenadora técnica do curso**  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Rackynelly Alves Sarmento Soares

### Docentes e conteudistas

Módulo 1

*Prof Me Doutorando Jitone Leônidas Soares*

Módulo 2

*Prof<sup>a</sup> Dra. Clélia Maria de Sousa Ferreira Parreira*

Módulo 3

*Prof<sup>a</sup> Dra. Silvia Renata Lordello*

Módulo 4

*Prof<sup>a</sup> Ma. Elizabeth Alves de Jesus Prado*

Módulo 5

*Prof<sup>a</sup> Dra. Dais Gonçalves Rocha e Gabriela Fogaça*

Módulo 6

*Prof<sup>a</sup> Dra. Juliane Andrade e*

*Prof<sup>a</sup> Dra. Andréa Leite Ribeiro*

Módulo 7

*Prof<sup>a</sup> Dra. Sheila Giardini Murta*

Módulo 8

*Prof<sup>a</sup> Dra. Marlúcia Ferreira do Carmo e*

*Prof<sup>o</sup> Lucas Alves Bezerra*

Módulo 9

*Prof<sup>o</sup> Dr. Edu Turte Cavadinha*

Módulo 10

*Prof<sup>a</sup> Maíra Gussi de Oliveira, Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Aparecida Gussi e Prof<sup>a</sup> Dra. Maria da Glória Lima*

Topografia Social

*Prof<sup>a</sup> Dra. Rudgy Pinto de Figueiredo e*

*Prof<sup>a</sup> Dra. Vilma de Lurdes Barbosa e Melo*

### Equipe técnica e produção de EaD

Rafael Valentim

Prof. Me. João Paulo Fernandes da Silva

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rackynelly Alves Sarmento Soares

### Coordenador de Produção de Educação a Distância

Prof. Me. Doutorando Jitone Leônidas Soares

### Coordenador Pedagógico

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva

### Revisor de Textos

Prof. Flávio Rossi de Oliveira Reis

### Designer Instrucional

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosana Amaro

### Designer Gráfico

Daniel Alves Tavares

### Web Designer

Gabriel Cavalcanti D'Albuquerque Magalhães

### Ilustrador de EaD

Cristiano Silva Gomes

### Editor 2/3 D

Cristiano Alves de Oliveira





SEGUNDA EDIÇÃO  
**FORMAÇÃO EM ESTRATÉGIAS  
DE EMPODERAMENTO  
DE ADOLESCENTES  
E JOVENS EM SITUAÇÃO  
DE VULNERABILIDADE  
SOCIAL - JAVU**

RACKYNELLY ALVES SARMENTO SOARES  
ANDRÉ RIBEIRO DA SILVA  
MARIA FATIMA DE SOUSA  
JITONE LEÔNIDAS SOARES  
ANA VALÉRIA MACHADO MENDONÇA  
(ORGANIZADORES)

2020

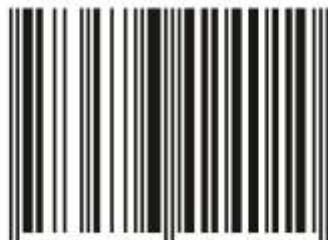


MINISTÉRIO DA  
SAÚDE



ISBN: 978-65-86424-01-0

**CSL**



9 786586 424010

MÓDULO I  
AMBIENTAÇÃO  
EM EAD

6

MÓDULO II  
EDUCAÇÃO  
EM SAÚDE

46

MÓDULO III  
JOVENS E  
ADOLESCENTES  
CONCEITOS  
E DEFINIÇÕES

81

MÓDULO IV  
POLÍTICAS  
PÚBLICAS DE SAÚDE

117

MÓDULO V  
REDES  
DE PROTEÇÃO

158

MÓDULO VI  
VULNERABILIDADE DE  
CRIANÇAS E  
ADOLESCENTES NO  
CONTEXTO ESCOLAR

199

MÓDULO VII  
PREVENÇÃO À  
VIOLÊNCIA NO  
NAMORO ENTRE  
JOVENS

233

MÓDULO VIII  
DIREITOS SEXUAIS  
E REPRODUTIVOS  
DE ADOLESCENTES  
E JOVENS

269

MÓDULO IX  
GÊNERO  
NA ESCOLA

300

MÓDULO X  
PREVENÇÃO AO USO  
DE ÁLCOOL E OUTRAS

332

SOBRE OS  
AUTORES

367

# PREFÁCIO

Este livro foi desenvolvido, especialmente, para o projeto de extensão “Curso de formação em estratégias de empoderamento de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social”, da Universidade de Brasília, coordenado por pesquisadores do Núcleo de Estudos em Saúde Pública (NESP/CEAM/UnB).

Carinhosamente chamado de Curso JAVU, por entendermos que a violência acontece em ciclos, e entre grupos populacionais específicos, situação que nos remete a expressão francesa *déjà vu* e também por fazer referência aos Jovens e Adolescentes em situação de Vulnerabilidade. O que queremos? Que esse ciclo não mais exista e é nessa direção que caminhamos.

O Curso JAVU foi desenhado para professores de escolas públicas do Brasil. Tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento de uma cultura inclusiva, emancipatória, não discriminatória, de respeito à diversidade e de cultura de paz no contexto escolar, de modo a promover a saúde de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social.

Para percorrer essa caminhada, organizamos este livro em dez capítulos, ordenados conforme a sequência didática do Curso JAVU em seu Ambiente Virtual de Aprendizagem. Os princípios básicos da promoção da saúde dos adolescentes e jovens são aqui expressos utilizando uma linguagem simples, leve e fluida, adequada a Educação a Distância.

Em todos os capítulos podemos encontrar sugestões de atividades práticas a serem desenvolvidas na escola, todas alinhadas com os conceitos da Promoção da saúde e objetivando fortalecer as redes de proteção pertinentes aos jovens e adolescentes. A ideia é potencializar a escola como um espaço promotor de saúde.

Finalmente, demonstramos nossa gratidão aos professores do Brasil que participaram/participam do nosso curso, os quais possibilitaram a capilarização de ações promotoras de saúde no âmbito escolar, contribuindo para a prevenção das situações de risco dos adolescentes e jovens, sobretudo, entre aqueles inseridos em situação de vulnerabilidade.

Os organizadores



MÓDULO III

**JOVENS E  
ADOLESCENTES  
CONCEITOS  
E DEFINIÇÕES**

SILVIA RENATA LORDELLO

2020



### **Módulo 3**

Jovens e Adolescentes - Conceitos e Definições

#### **Ficha Técnica**

Esta obra é licenciada nos termos Creative Commons, sendo todos os direitos reservados. É permitida a reprodução, disseminação e utilização desta obra, em parte ou em sua totalidade, desde que citada a fonte.

© 2020

Universidade de Brasília - UnB  
NESP – Núcleo de Saúde Pública

**Coordenação do Curso Técnico-Pedagógica**  
Coordenadora UTICS e Coordenadora do NESP/UnB  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Valéria Machado Mendonça

**UEPSF** (Unidade de Estudos de Saúde da Família)

**Coordenadora técnica do curso**  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Rackynelly Alves Sarmento Soares

#### **Docentes e conteudistas**

Módulo 1

*Prof Me Doutorando Jitone Leônidas Soares*

Módulo 2

*Prof.<sup>a</sup> Dra. Clélia Maria de Sousa Ferreira Parreira*

Módulo 3

*Prof.<sup>a</sup> Dra. Silvia Renata Lordello*

Módulo 4

*Prof.<sup>a</sup> Ma. Elizabeth Alves de Jesus Prado*

Módulo 5

*Prof.<sup>a</sup> Dra. Dais Gonçalves Rocha e Gabriela Fogaça*

Módulo 6

*Prof.<sup>a</sup> Dra. Juliane Andrade e*

*Prof.<sup>a</sup> Dra. Andréa Leite Ribeiro*

Módulo 7

*Prof.<sup>a</sup> Dra. Sheila Giardini Murta*

Módulo 8

*Prof.<sup>a</sup> Dra. Marlúcia Ferreira do Carmo e*

*Prof.<sup>o</sup> Lucas Alves Bezerra*

Módulo 9

*Prof.<sup>o</sup> Dr. Edu Turte Cavadinha*

Módulo 10

*Prof.<sup>a</sup> Máira Gussi de Oliveira, Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Aparecida Gussi e Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria da Glória Lima*

Topografia Social

*Prof.<sup>a</sup> Dra. Rudgy Pinto de Figueiredo e*

*Prof.<sup>a</sup> Dra. Vilma de Lurdes Barbosa e Melo*

#### **Equipe técnica e produção de EaD**

Rafael Valentim

Prof. Me. João Paulo Fernandes da Silva

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rackynelly Alves Sarmento Soares

#### **Coordenador de Produção de Educação a Distância**

Prof. Me. Doutorando Jitone Leônidas Soares

#### **Coordenador Pedagógico**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva

#### **Revisor de Textos**

Prof. Flávio Rossi de Oliveira Reis

#### **Designer Instrucional**

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosana Amaro

#### **Designer Gráfico**

Daniel Alves Tavares

#### **Web Designer**

Gabriel Cavalcanti D'Albuquerque Magalhães

#### **Ilustrador de EaD**

Cristiano Silva Gomes

#### **Editor 2/3 D**

Cristiano Alves de Oliveira







MÓDULO III

**JOVENS E  
ADOLESCENTES  
CONCEITOS  
E DEFINIÇÕES**

SILVIA RENATA LORDELLO

CARGA HORÁRIA: 15 HORAS

2020



**SOBRE A AUTORA  
SILVIA RENATA  
LORDELLO**

**7**

**1. APRESENTAÇÃO  
DO MÓDULO**

**8**

**2. OBJETIVO  
GERAL**

**9**

**3. AULA  
ADOLESCÊNCIAS  
PLURAIS**

**10**

**4. AULA  
DIFERENCIANDO PUBERDADE  
DE ADOLESCÊNCIA**

**15**

**5. AULA  
DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DE  
IDENTIDADE E DO PROCESSO DE  
DIFERENCIAÇÃO**

**20**

**6. AULA  
COMPREENSÃO DO  
AUTOCONCEITO  
E SEUS DERIVADOS**

**25**

**7. AULA  
INTERVENÇÕES  
PSICOSSOCIAIS E  
PROJETOS DE VIDA**

**28**

**8. CONSIDERAÇÕES  
FINAIS**

**31**

**REFERÊNCIAS**

**32**

**AVALIAÇÕES  
ATIVIDADES  
NOS FÓRUMS**

**33**

**ATIVIDADE  
PRÁTICA**

**33**

**MATERIAIS  
EXTRA**

**33**

**AVALIAÇÕES  
OBJETIVAS**

**34**





## SOBRE A AUTORA

# SILVIA RENATA LORDELLO

**S**ilvia Renata Lordello é doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília, Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da UnB, Coordenadora do Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos da Universidade de Brasília, Brasília, DF.

Contato: [srmlordello@gmail.com](mailto:srmlordello@gmail.com)





## I. APRESENTAÇÃO DO MÓDULO

Caro Professor,

Seja bem-vindo ao módulo 3!

Este conteúdo foi pensado especialmente para você, que atua com jovens em vulnerabilidade e necessita de uma formação que o permita alcançar toda a potencialidade que esse público tem, apesar das intensas dificuldades que enfrenta todos os dias. Para isso, vamos auxiliá-lo nesse processo de encorajar e empoderar seus alunos, a partir de uma perspectiva ilustrativa e problematizadora, traçando habilidades e competências desejáveis neste módulo.

### Conteúdos:

88

- Adolescências plurais;
- Diferenciando puberdade de adolescência;
- Desafios de construção de identidade e processos de diferenciação;
- Compreensão do autoconceito e seus derivados; e
- Intervenções psicossociais e projetos de vida.





## 2. OBJETIVO GERAL

Conceituar adolescências, adotando perspectiva contextual e dinâmica.



89

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS



Identificar características das adolescências, conceituando-as de forma biopsicossocial;



Traçar estratégias de intervenção psicossocial que potencializem a atuação do adolescente em projetos pessoais e coletivos; e



Problematizar estereótipos construídos socialmente com relação aos adolescentes, atuando na ressignificação das interpretações sobre características e comportamentos.

**CARGA HORÁRIA: 15 H/A**





### 3. AULA

# ADOLESCÊNCIAS PLURAIS

90







Pensando no tema:

Tente completar rapidamente as frases abaixo:

.....

TODO ADOLESCENTE É MUITO \_\_\_\_\_.

QUANDO FALO ÀS PESSOAS QUE EU TRABALHO COM ADOLESCENTES, ELAS DIZEM QUE EU \_\_\_\_\_.

A ADOLESCÊNCIA É UMA FASE MUITO \_\_\_\_\_.

QUANDO PENSO EM UM ADOLESCENTE, A PALAVRA QUE VEM À CABEÇA É \_\_\_\_\_.

.....

Faça essa breve pesquisa com algumas pessoas e anote as respostas. Depois, vamos analisar:

1. Que adjetivos foram mais utilizados?
2. O que sugerem essas respostas?
3. Como deve se sentir um adolescente diante dessa caracterização a seu respeito?

Agora, vamos fazer outra pesquisa: peça a um adolescente para ele escrever entre aspas as frases que ele mais escuta dos adultos no dia a dia.

.....

FRASES QUE OUÇO EM MEU DIA A DIA ...

.....

Analise esse conteúdo. O que essas frases sugerem?





Esses dois pequenos exercícios servem como laboratório para que a gente entenda a representação da adolescência em nosso contexto social. A começar pelo “apelido” de “aborrecente”, a cultura já mostra uma indisposição para lidar com os jovens que estão passando por descobertas importantes e ávidos por construir uma identidade.

Entretanto, se você colheu em suas frases que a adolescência está associada à rebeldia, irresponsabilidade, impulsividade e mudanças no humor, você já pode chegar a uma conclusão: essas pessoas ainda veem a adolescência como fase estanque, universal, como se todos os adolescentes

vivessem as mesmas coisas e fossem dirigidos por um motor exclusivamente biológico, responsável por características físicas e emocionais padronizadas.

Essa visão vigorou por muito tempo, mas, após as teorias mais recentes de desenvolvimento humano, essas ideias dão lugar a uma visão sociocultural, que contextualiza as diferentes adolescências no tempo e no espaço e que combate os estereótipos de que todos os adolescentes são semelhantes, ou seja, as adolescências são plurais. (CARRETEIRO, 2010; COSTA; PENSO; 2013). Assim, muitas variáveis deverão ser consideradas ao falar da adolescência.

Veja alguns trechos selecionados do Documentário “Pro dia nascer feliz”, de João Jardim e reflita:



### TRECHOS INDICADOS

- Valéria (adolescente de 16 anos) 9:27 / 12:38
- Keila e o grupo de leitura da escola ( Fanzine) 45:15 /49:42
- Adolescentes do colégio particular 49:54 / 1:05:50





O que podemos concluir?

Nenhuma adolescência é igual a outra. Desse modo Valéria, em sua localidade e forma de viver, consegue entender sua adolescência de forma tão diferente das alunas da escola particular de classe alta em SP e é tão diferente de Keila, que tem a oportunidade de estudar e de expressar-se a partir de suas oportunidades de escrita.

Reparem que, se formos completar as frases acima com base nas adolescentes que vimos nas vinhetas, as características serão diferentes, positivas e será inevitável reconhecer que os contextos nos quais estão inseridas tornam muito diferentes as formas como vivem e significam suas adolescências.



SERÁ QUE PODEMOS COMPARAR ADOLESCÊNCIAS?

A NOSSA PESQUISA AGORA É COM VOCÊ, PROFESSOR!

93

Responda a enquete abaixo, com uma recordação da adolescência do “seu tempo”:

Passatempo preferido no tempo livre: \_\_\_\_\_

Música que não esqueceu até hoje: \_\_\_\_\_

Experiência mais marcante: \_\_\_\_\_

Roupa preferida: \_\_\_\_\_

Lembrança da escola: \_\_\_\_\_

Relacionamento significativo: \_\_\_\_\_





E aí, vamos partilhar essas lembranças? O que será que os alunos gostariam de saber sobre sua adolescência? Proponha que eles lhes façam perguntas... mas deixe bem claro que você só responderá as que sentir confortável, ok? Será que haverá muitas diferenças entre as gerações?

**E**ssa será mais uma constatação de que não se deve padronizar adolescências, porque trata-se de um conceito psicossocial, ou seja, com base no contexto histórico, cultural, temporal... tudo isso precisa ser levado em conta e por isso, apesar de insistirmos em comparar, essa não é uma boa estratégia.

Até mesmo o período etário apresenta diferentes amplitudes. O Estatuto da Criança e do Adolescente considera a

adolescência entre 12 e 18 anos. Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência compreende o período entre 10 e 19 anos e, mais recentemente, ampliou sua abrangência, considerando como jovens, a população entre 10 e 24 anos. Isso mostra que as construções sociais que permeiam as adolescências e as juventudes não se limitam ao critério cronológico, visto que são muito mais amplas e consideram muitas variáveis, como veremos a seguir.





## 4. AULA

# DIFERENCIANDO PUBERDADE DE ADOLESCÊNCIA





Muitas pessoas confundem puberdade com adolescência. A puberdade, como apresenta base biológica, tem marcadores mais estáveis. Por exemplo, o crescimento dos seios e a menarca nas meninas; o crescimento do pênis e mudança de voz, nos meninos. Essas são características esperadas e que não deixarão de fazer parte do crescimento, mesmo que se apresentem em tempos diferentes. Mas, embora existam estágios biológicos bem marcados e previsíveis, as repercussões psicológicas dessas características diferem muito de pessoa para pessoa, de cultura para cultura.

Então, podemos dizer que a puberdade é biológica e a adolescência é psicossocial. A forma como a cultura caracteriza e trata essas mudanças corporais pode ter uma significação muito diferente do ponto de vista psicológico. Por exemplo, a forma como adolescentes indígenas vivenciam sua puberdade é completamente distinta de como adolescentes de uma comunidade cigana ou de adolescentes de uma cidade grande significam essas transformações. Embora as mudanças possam ser semelhantes e esperadas, as vivências vão diferir muito.

Além disso, as mudanças corporais são um sinal inequívoco de que se está deixando um corpo infantil para trás e essa mudança é sentida como irreversível. Esse impacto é indiscutível porque ele traz materialidade para a mudança. Eu não sei quem eu vou ser, mas já sei que não sou mais criança. De qualquer forma, isso traz impactos para o eu adolescente, pois traduz uma necessidade de mudança nas relações e nas próprias atitudes.

96



Em vista disso, conhecer o corpo é o primeiro passo para acompanhar o próprio processo de crescimento, ao mesmo tempo em que um protagonismo necessário ao adolescente é desenvolver atitudes de autocuidado com o corpo. Dessa forma, o Ministério da Saúde lançou, em 2015, a Caderneta de Saúde e do Adolescente, na busca de instrumentalizar o adolescente sobre suas mudanças. Vamos conhecê-la?





Saiba mais



<http://www.adolesc.br/php/level.php?lang=pt&component=39&item=16>

Vejam que a proposta da caderneta de saúde e do adolescente é empoderar o adolescente, por meio do conhecimento e de informações relevantes sobre seu corpo, sobre seus direitos e sobre seu processo de desenvolvimento para que ela ou ele sejam capazes de gerenciar seus desafios. Nesse intuito, uma das questões que a caderneta de saúde introduz e deveria ser conteúdo obrigatório de programas de prevenção universais, ou seja, de programas para todos os adolescentes, independente de vulnerabilidades ou riscos, é o conhecimento sobre os direitos e deveres.



<http://www.adolesc.br/php/level.php?lang=pt&component=39&item=16>

97



Saiba mais

Como as adolescências são vistas ainda de forma estanque, um dos documentos que mais contribuiu para a visibilidade delas foi o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que desde 1990, tem como principal missão afirmar crianças e adolescentes como sujeitos de direitos (BRASIL, 2006). Por representar uma doutrina de proteção integral às crianças e aos adolescentes, considerando-as em situação peculiar de desenvolvimento, o que deve ser compreendido e assumido por toda a sociedade.





Entre vários méritos desse documento, está o fato de romper com a visão que vigorava anteriormente, instituída pelo Código de Melo Matos, que tratava crianças e adolescentes como seres menores, inferiores, sem olhar para seus potenciais. Em detrimento disso, um grande diferencial do ECA é que o Estado passa a ser responsável por suas crianças e adolescentes, o que derivou uma série de políticas públicas muito relevantes para todos. Além disso, o ECA corresponsabiliza todos os cidadãos e

instituições pelas crianças e adolescentes, o que modifica muito o quadro anterior de exclusividade da família e de uma visão higienista, excludente, coercitiva e corretiva.

Assim, não se pode tratar de protagonismo juvenil ou empoderamento de jovens sem conhecer profundamente o ECA, visto que muitas crianças e adolescentes tem seus direitos violados e sequer conseguem reivindicá-los, justamente por seu desconhecimento.

Vamos dar alguns exemplos:

Assista este fragmento do documentário “[A invenção da infância](#)” e observe quantas violações ainda se mostram presentes, mesmo com a doutrina de proteção integral vigente:



98



Fique de olho

Maria, 16 anos, procurou uma Unidade Básica de Saúde (UBS) em seu território para marcar uma consulta e ser orientada sobre métodos anticoncepcionais, uma vez que pretendia iniciar sua vida sexual com seu namorado. A profissional da UBS negou, argumentando que para isso precisaria que a adolescente viesse acompanhada de um dos pais ou responsáveis. A adolescente desistiu, pois não pretendia contar para sua mãe. O que ocorre aqui? É lamentável que a adolescente tenha feito tudo certo: tomou sua decisão, procurou previamente um especialista para orientá-la e depois desistiu do serviço diante de sua negativa. Para a saúde pública, um fracasso, pois desprezou a proatividade da adolescente e o direito que ela tem de ser atendida na rede de saúde, sozinha, independentemente da presença dos pais e responsáveis, inclusive com direito a sigilo, exceto em caso de danos à saúde e a terceiros.







Ângela, 17 anos, viveu uma situação também relacionada a essa temática. Após ter relações sexuais com um “ficante”, de forma desprotegida, procurou a UBS para obter um comprimido da contracepção de emergência, mais conhecido como “a pílula do dia seguinte”. O médico, por motivos religiosos, negou-se a prescrever e pediu que ela se dirigisse a outra UBS. Neste caso, observam-se várias violações: sabe-se que, se é de emergência, ela precisaria ser tomada imediatamente.

O profissional nem sequer precisaria prescrever, mas, na ocasião, novamente desconsiderou o movimento da adolescente para tomar decisões que poderiam ter, no mínimo, a prevenção do agravo, que seria a gravidez indesejada. Nesta situação, trata-se de prevenção indicada, ou seja, específica para aquele fim. Mas, neste caso, Ângela não conseguiu ter seu direito respeitado.

Essas e outras histórias mostram que crianças e adolescentes ainda são vistas como incapazes pela sociedade e que o investimento para que conheçam seus direitos ainda é pequeno. Ações de promoção de saúde devem investir na disseminação das informações para toda a sociedade, pois ainda predominam saberes populares que reproduzem estereótipos e que subestimam potencialidades desse público.





## 5. AULA

# DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE E DO PROCESSO DE DIFERENCIAÇÃO

100





Um grande desafio das adolescências é a construção de identidade. Conforme mencionamos antes, quando a puberdade mostra que as mudanças físicas serão para sempre, adolescentes começam a entender que não dá mais para permanecer criança e começam a empreender uma identidade que combine com aquele novo corpo. Essa época costuma ser muito difícil para os pais, pois tudo o que lembra a infância parece ser negado.

Dessa forma, professor, a oposição é uma forma de o adolescente exercitar o seu próprio eu, não concordando com o que o outro quer ou impõe a ele. Imagine que se ele ou ela sempre acatarem as ideias dos pais, as preferências dos pais e as ordens sem questionar, eles não estarão se diferenciando, eles estarão se mantendo iguais, portanto não tem como ter um eu quando o eu é o do outro.

A oposição tem sido confundida com rebeldia, mas, na verdade, se opor é uma forma muito importante para o processo de diferenciação dos pais, por exemplo. Conforme nos apontam os autores, isso é fundamental para construir a identidade. Se não exercita a oposição, se permanece sendo uma extensão do outro. Devemos nos preocupar sim, quando não há oposição. Desde cenas simples, como o fato da mãe achar uma roupa bonita e a filha discordar, até os diálogos mais inflamados questionando situações familiares são expressões de oposição e que nós adultos, deveríamos inclusive dar espaço e estimular.

Contudo, às vezes, com a repressão a tais comportamentos, o adolescente se torna agressivo para fazer valer seu pensamento ou mesmo desiste, tornando-se passivo diante das decisões dos adultos e isso representa grande perda no processo de diferenciação.

Vamos pensar no caso dos professores, com quem os adolescentes, de alguma forma, manifestam sua oposição na sala de aula. Os professores que atuam com o público jovem e adolescente normalmente são experts na arte de negociar. Percebem que tem que dar espaço para que mostrem seus talentos, teorias, pensamentos... e aí tudo corre bem. Entretanto, essas identidades são experiências ensaísticas, que não necessariamente se

fixam, pois há uma intensa necessidade de se pertencer a grupos, mas ao mesmo tempo com o desafio de ser ele próprio (CARRETEIRO, 2010). É comum não querer mais ser acompanhado pelos pais aos locais, valorizar muito a opinião e a companhia de amigos, apresentar ideias próprias, que se oponham às ideias dos pais. Aliás, essa característica é muito importante de ser compreendida: a oposição.

Quem não conhece aquele aluno que era considerado difícil, indisciplinado, mas que na gincana da escola era insuperável porque podia mostrar sua potencialidade nos esportes, nas lideranças de equipes e, assim, ser reconhecido pelo que era? A escola é um excelente espaço que pode legitimar muitas qualidades positivas dos e das adolescentes.





Fonte: <https://image.shutterstock.com/image-photo/close-focus-african-american-adolescent-450w-1332865529.jpg>

102

É claro que não estamos aqui defendendo que tudo seja permitido ao jovem, em nome de seu exercício de diferenciação. Muito pelo contrário, a permissividade nunca fez bem aos adolescentes, pois rotinas e regras são estruturantes para eles. Aqui a estratégia é negociar. Como adultos, não devemos comprar as pequenas brigas, apenas as grandes. Não há problemas se o adolescente quiser escolher a roupa ou adotar um visual temporário, mas questões envolvendo valores, isso sim deve ser discutido e precisam ser oferecidos limites claros.

Devemos lembrar ainda que adolescentes alcançam um nível cognitivo muito importante: o das operações formais. O que isso significa? Até a infância, tudo deveria ser explicado e as ações deveriam ser concretas para que ele entendesse. Na adolescência, é diferente, pois acessar as operações formais significa alcançar a abstração. É possível hipotetizar situações e, por isso, há um intenso debate sobre regras e ideias. Isso é muito positivo, pois mostra um potencial muito significativo para que desenvolvam ideias, projetos, metas e projetos de vida.

É comum ouvirmos isso de adolescentes que foram trabalhar para o tráfico de drogas, pois tiveram essas qualidades ressaltadas e conquistaram rapidamente um status neste grupo que consideram trabalho. É uma pena que as pessoas mais próximas aos adolescentes nem sempre conseguem vê-los pela ótica das potencialidades. Para alguém que está construindo uma identidade, ser valorizado em - suas competências ou jeito de ser - é extremamente importante, pois expressa o reconhecimento por esse eu cujo mérito é dele próprio.





Esta é a palavra-chave da adolescência: reconhecimento. Uma vez que se busca ter uma identidade, nada mais justo que se possa se destacar por ela. Enquanto a cultura fica apregoando o adolescente com base em seus defeitos, perde-se uma excelente oportunidade de reconhecer seus talentos.

### Lembram-se da vinheta da Valéria? Qual era sua principal mágoa?

Nunca ter sido dado crédito a ela, a suas composições, ao seu potencial. Assim, quando reconhecemos as potencialidades dos adolescentes, mostramos a eles e elas que estamos apostando em sua identidade, que prossiga fazendo boas escolhas e que os aceitemos como querem ser.



Saiba mais

VAMOS VER UM EXEMPLO REAL:  
DOCUMENTÁRIO  
“PRO DIA NASCER FELIZ”.

Vamos ver um exemplo real: inserir caso Douglas do documentário  
“Pro dia nascer feliz” (17:56/ 34:27)

103



[https://www.youtube.com/watch?v=nvsbb6XHu\\_I](https://www.youtube.com/watch?v=nvsbb6XHu_I)





Professores, perceberam como Douglas se transformou com o reconhecimento de suas habilidades musicais e culturais? Como foi definitivo para ele praticar sua oposição e ter seus talentos aproveitados como parte da construção de sua identidade? Como a professora menciona, poderíamos ter outro Douglas, caso não houvesse essa mediação baseada na negociação. Dessa forma, é preciso sair dessa postura defensiva e acusatória do jovem para vê-lo de forma contextualizada, pois muitas oportunidades de desenvolvimento saudável são desperdiçadas quando enxergamos nossos adolescentes e jovens por nossas lentes adultocêntricas.

Um último exemplo disso: hoje ouvimos que os adolescentes estão "viciados" em

tecnologia. Já existem patologias caracterizadas como dependência deste campo. Quando pensamos que esses adolescentes já nasceram numa era tecnológica, eles nem sequer imaginam como é um mundo sem celular ou computador. O processo de construção de identidade dos adolescentes de hoje passa por esse domínio tecnológico e isso precisa ser considerado por nós adultos, que - às vezes - só os criticamos por serem como são, mas eles nem são capazes de entender nossa crítica.

Para nós, professores, é importante conhecer a fundo como se dá a construção de identidade dos adolescentes e jovens, a fim de que tenhamos uma atuação mais propositiva em seus processos.





## 6. AULA

# COMPREENSÃO DO AUTOCONCEITO E SEUS DERIVADOS





**T**odos os sistemas, nos quais o adolescente está inserido, poderiam se envolver em oportunidades que promovam seu empoderamento. Já vimos que as potencialidades são sempre presentes, mas não é fácil para o adolescente descobri-las. Para isso, é importante um trabalho de autoconhecimento, de olhar para suas características. Se nós, adultos, já temos dificuldades de falar da gente, mesmo já achando que nos conhecemos, imagine um adolescente que ainda está em pleno processo de construção de sua identidade.

Rodriguez e Damásio (2014) abordam a relação entre a noção de desenvolvimento de identidade e o sentido da vida. Como os adolescentes alcançam habilidades cognitivas que envolvem abstração, permitindo atividades hipotético-dedutivas, tornam-se capazes de refletir sobre si mesmos e sobre os outros. Define-se que o senso de identidade integra um conjunto de crenças e objetivos, com foco na pessoa que se quer se tornar no futuro. Alcançar esse senso de identidade ao longo do processo social da adolescência e juventude propicia a regulação de ações, colaborando para o desenvolvimento dos propósitos que darão, de forma singular, sentido à existência.

Podemos auxiliar os jovens nesse processo de autodescoberta?

Vamos fazer uma pequena enquete com os adolescentes que conhecemos:

106

1. Como você se descreveria em três palavras?
2. Como você gostaria de ser retratado por seus colegas?
3. Que característica principal seus pais atribuiriam a você?
4. O que eu saberia sobre você conversando com seus professores?

Só de pensarmos sobre essas perguntas, poderíamos chegar a uma reflexão principal:

o que nos define?

Será que o que penso sobre mim, coincide com o que pensam sobre mim?

O autoconceito é composto de forma complexa, pois articula as autopercepções e as confronta com as opiniões dos outros, sobretudo as pessoas que mais importam.







**A**lguns entendem que o autoconceito é sinônimo da autoestima, mas isso é um engano. O autoconceito é composto pelos atributos que se acredita fazer parte do seu eu, independentemente de serem positivos ou negativos e lembrando que são mutáveis ao longo da vida.

A autoestima é a atribuição valorativa à característica mencionada no autoconceito. É na autoestima que as considerações sobre esse atributo ser qualidade ou defeito encontra uma dimensão sub-

jetiva de avaliação, que inclusive pode não coincidir com a percepção do outro.

Por fim, há o conceito de autoeficácia, no qual os atributos acima são avaliados pela pessoa na ótica do quanto são úteis para alcançar suas metas, o quanto compõem a confiança em suas habilidades e competências e o quanto os aproximam de resultados dentro de objetivos pessoais, acrescidos de uma constante autoavaliação e comparação com outras pessoas.

**VOLTE AGORA NOS ATRIBUTOS LISTADOS ACIMA E DÊ UMA NOTA, VALORANDO-OS COMO POSITIVOS OU NEGATIVOS, ENXERGANDO-OS MAIS CLARAMENTE NA COMPOSIÇÃO DE SUA AUTOESTIMA. QUAIS DELES MANTERIA E QUAIS INVESTIRIA EM MODIFICAR?**

Metas	Características e Crenças	Condições que auxiliam na viabilização
1.		
2.		
3.		



<https://image.shutterstock.com/z/stock-photo-two-successful-african-american-businesspeople-shaking-hands-at-office-406485712.jpg>

Vamos integrar tudo isso em uma atividade divertida?

Professor, proponha a seus alunos que eles encontrem na internet a oportunidade de emprego que há muito procuravam. O requisito para a obtenção da vaga é que façam uma propaganda de si na qual coloquem o maior número possível de informações sobre si, de uma forma criativa. Precisa constar o que veem em si como atributos, como os qualificam e o quanto os auxiliam em cumprir os objetivos do emprego. Depois, exponham os produtos e discutam sobre os elementos de identidade que foram observados na atividade.





## 7. AULA

# INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS E PROJETOS DE VIDA

108





**E**m se tratando de adolescências e juventudes, vários autores apontam o quanto a escola, como microssistema fundamental, pode prover intervenções transformadoras no âmbito psicossocial (COSTA et al., 2013; COSTA; PENSO, 2010). Segundo Lisboa e Ebert (2011), a construção de um clima social escolar protetivo envolve diálogo, espaços sistematizados de comunicação, participação juvenil, sensibilidade

a situações de conflito e potencialização da interação de pares.

Há evidências de que os adolescentes e jovens que participam de programas que se propõem a discutir sobre sentido de vida apresentam, como resultados das intervenções, comportamentos autodirigidos aos propósitos elencados e conseguem monitorar suas ações, regulando-as a partir das metas estabelecidas.

### Uma história real...

**L**uiz Henrique, 17 anos, estava concluindo seu ensino médio em uma escola pública de um grande centro urbano. Ele tinha metas audaciosas, mas sentia-se impotente diante delas e com isso procrastinava seus estudos. Nos ambientes que Luiz Henrique frequentava era fácil ver que seu potencial era reconhecido, porém sua falta de energia impactava os investimentos de sua família e de seus professores que o viam como acomodado e passivo. Certa vez, houve uma feira de profissões na escola e um oferecimento de um projeto de orientação profissional, no qual Luiz se sentiu motivado a participar.

Foi, então, naquela oportunidade que conseguiu olhar para si, reconhecer seus talentos e empreender habilidades que tinha para a consecução de metas de curto prazo. Como o adolescente, está aprendendo a integrar informações, não lhe ocorria que o curso de inglês, no qual tivera tanta dificuldade para conseguir vaga na escola pública de línguas, já era uma ação importante para o objetivo de morar fora do país. Ou seja, ao ver a importância disso em seu projeto de vida, sua atitude em relação ao curso de inglês mudou, pois passou a ver um significado relevante para estar ali.

109

**E**, assim, Luiz Henrique deu seu depoimento, do quanto fazia várias coisas por obrigação, mas não entendia a articulação que tinham com suas metas e projetos. Regulou suas ações, modificou a escala de esforços, dosou melhor seus esforços e recursos e conseguiu êxito em suas metas em curto prazo.

Dessa forma, estimular a discussão do que já faz parte da vivência do adolescente e proporcionar-lhe um exercício de auto-organização entre seus objetivos de vida e forma de realizá-los pode ser uma excelente estratégia de intervenção junto a este público.





**V**ejamos uma reportagem na qual Valéria, adolescente que exibimos no início do nosso módulo, desacreditada como adolescente à época de sua escolarização em Manari, nos traz seu exemplo de superação e execução de seus objetivos de vida, anos depois. Confira que belo projeto pessoal ela desenvolveu, assistindo a reportagem abaixo:



[https://www.youtube.com/watch?v=nrsm8cW\\_BsE](https://www.youtube.com/watch?v=nrsm8cW_BsE)

110

Perceberam como atuar para um projeto de vida, que dê sentido à existência, pode promover realização? Perceberam quantos atributos de Valéria foram empregados na execução deste projeto?





## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

**A**s aulas sobre adolescências e juventudes pretenderam situar os professores na imensa tarefa e desafio que lhes cabe. A escola é um espaço privilegiado de interações e de promoção de competências, mas pode também ser produtora de fracassos. Como optamos pelo sucesso, professores podem contribuir com muitas iniciativas para aflorar todos os ricos recursos que os adolescentes apresentam. Nesse sentido, a mediação do educador pode ser muito transformadora na vida do adolescente, considerando, também, que a família, a comunidade e o Estado tem um papel fundamental nesse desenvolvimento. Todavia, sistematizar contribuições como especialistas pode ser um instrumental poderosíssimo para combater rótulos sociais e para substituí-los por escuta, empatia e interesse genuíno por seu mundo, com o qual aprendemos sempre.





## REFERÊNCIAS

BRASIL. *Estatuto da Criança e Adolescente*. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, 1990.

CARRETEIRO, T. C. Adolescências e experimentações possíveis. In MARRA, M.; COSTA, L. F. (org.). *Temas da clínica do adolescente e da família*. São Paulo: Ágora, 2010. p.15-24.

COSTA, L. F.; PENSO, M. A.; JUNQUEIRA, E. L.; MENESES, F. F. F.; STROHER, L. M. C.; BRAVIN, C. S. Atendimento às famílias em contexto de grande complexidade. In SEIXAS, M.R.; DIAS, M. L. (org.), *A violência Doméstica e a Cultura da Paz*. São Paulo: Roca, 2013. p. 125-135.

COSTA, L. F.; PENSO, M. A. A dimensão clínica das intervenções psicossociais com adolescentes e famílias. In MARRA, M. M. ; L. F. COSTA (orgs.), *Temas da clínica do adolescente e da família*. São Paulo: Ágora, 2013. p. 201-214.

PRO DIA nascer feliz. 2005. Direção de João Monjardim. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=nvsbb6XHu\\_I](https://www.youtube.com/watch?v=nvsbb6XHu_I). Acesso em: 17 de dezembro de 2018.

LISBOA, C.; EBERT, G. Violência na escola: reflexão sobre as causas e propostas de ações preventivas e focais. In HABIGZANG, L. F.; KOLLER, S. R. (org.), *Violência contra crianças e adolescentes. Teoria, pesquisa e prática*. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 255-266.

RODRIGUEZ, S. N.; DAMÁSIO, B. F. O desenvolvimento da identidade e sentido de vida na adolescência. In HABIGZANG; DINIZ, E.; L. F.; KOLLER, S. R. (org.), *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2014. p.30-41.

A INVENÇÃO da infância. Direção de Liliana Sulzback. 1996. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BcjUjvwu0h8> . Acesso em: 17 de dezembro de 2018.





## AVALIAÇÕES

# ATIVIDADES NOS FÓRUNS

Veja ao seguinte fragmento de notícia:

Um grupo de adolescentes de 18 e 19 anos de Poços de Caldas (MG) lançou um aplicativo que ajuda a combater a violência doméstica contra a mulher. Na plataforma, as vítimas podem encontrar apoio psicológico, compartilhar relatos e encontrar informações sobre as medidas que podem ser tomadas pelas vítimas de agressões.

O aplicativo é gratuito e pode ser baixado em celulares com o sistema Android. Na tela inicial, é possível encontrar campos como o de informações sobre leis de proteção à mulher, relatos das vítimas e um chat em que as mulheres podem conversar entre si e com a equipe do FemHelp sobre os problemas que têm enfrentado (Notícia publicada no site G1 Sul de Minas em 17/01/2019).

Qual a relação entre a iniciativa da Plataforma FemHelp e o papel do projeto de vida na vida das adolescentes mineiras? O que é possível hipotetizar sobre as características das adolescentes, as barreiras culturais que conseguiram remover e o êxito da intervenção psicossocial que o projeto representou?

113

## ATIVIDADE PRÁTICA

Depois de conhecer os projetos de Valéria (Manari) e das adolescentes mineiras, vamos propor uma atividade prática aos seus adolescentes? Como seria o presente e o futuro deles, pensando na execução de um projeto pessoal que enchesse sua existência de sentido, que tivesse total coerência com seus valores pessoais? Como seria a reportagem de sua vida daqui a 10 anos?

## MATERIAIS EXTRAS

Lista de filmes recomendados:

Como uma onda no mar? Rádio Favela (direção Helvécio Ratton)

O RAP do pequeno príncipe contra as almas sebosas (direção: Paulo Caldas e Marcelo Luna)

Sou feia, mas tô na moda (direção: Denise Garcia)





## AVALIAÇÕES OBJETIVAS

**4.1. No ECA, o art. 4º afirma que “É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.” Diante disso, podemos afirmar:**

- ( ) Que o trabalho infantil é permitido, desde que os demais direitos sejam respeitados.
- ( ) Que o artigo faz referência ao que está previsto na Constituição de 1988 e assume o princípio da proteção integral às crianças e adolescentes.
- ( ) Que os pais não são obrigados a matricular os filhos no ensino público gratuito se estes estiverem auxiliando-os na renda familiar por meio de profissionalização.
- ( ) Que a aplicação do princípio de melhor interesse da criança limita-se às crianças e aos adolescentes, cujos direitos tenham sido violados por ação ou omissão das famílias e do Estado.
- ( ) Que o ECA considera a criança e o adolescente como sujeitos de direitos, ao mesmo tempo que defende, em outros artigos, a ideia de que sejam objetos de intervenção do mundo adulto.

**4.2. Sobre o desenvolvimento de adolescentes, é correto afirmar:**

114

- ( ) Que há um ciclo evolutivo típico, com características psicológicas padronizadas, como rebeldia e crises.
- ( ) Que a adolescência é um conceito psicossocial e que as adolescências são consideradas plurais, em virtude de seus diferentes contextos e processos.
- ( ) Que a puberdade é que define a adolescência, pois a maturação dos órgãos é o principal motor do desenvolvimento nesta fase.
- ( ) Que a adolescência é um conceito biológico e que a faixa etária corresponde dos 11 aos 18 anos de idade.
- ( ) Que a cultura valoriza os adolescentes, oferecendo escuta empática sobre suas formas de enfrentar os desafios do mundo adulto.

**4.3. Sobre as características psicológicas das adolescências, podemos afirmar:**

- ( ) A construção da identidade é um desafio desenvolvimental da adolescência e o processo de diferenciação dos pais faz parte desse momento ensaístico, muitas vezes tendo a oposição como característica.
- ( ) Todo adolescente é rebelde e, por isso, as relações familiares são dificultadas neste período.
- ( ) A diferenciação dos pais é um processo que inicia e se conclui na adolescência e se dá por meio da contestação da autoridade dos pais.
- ( ) Entre as características psicológicas universais sobre adolescência, é possível citar a crise religiosa, a tendência grupal, as alterações de humor decorrentes da ação hormonal.
- ( ) O exercício de construir um eu na adolescência pode ser facilitado pela negociação dos pais, uma vez que o reconhecimento das potencialidades dos adolescentes é bem difundido em nossa cultura.







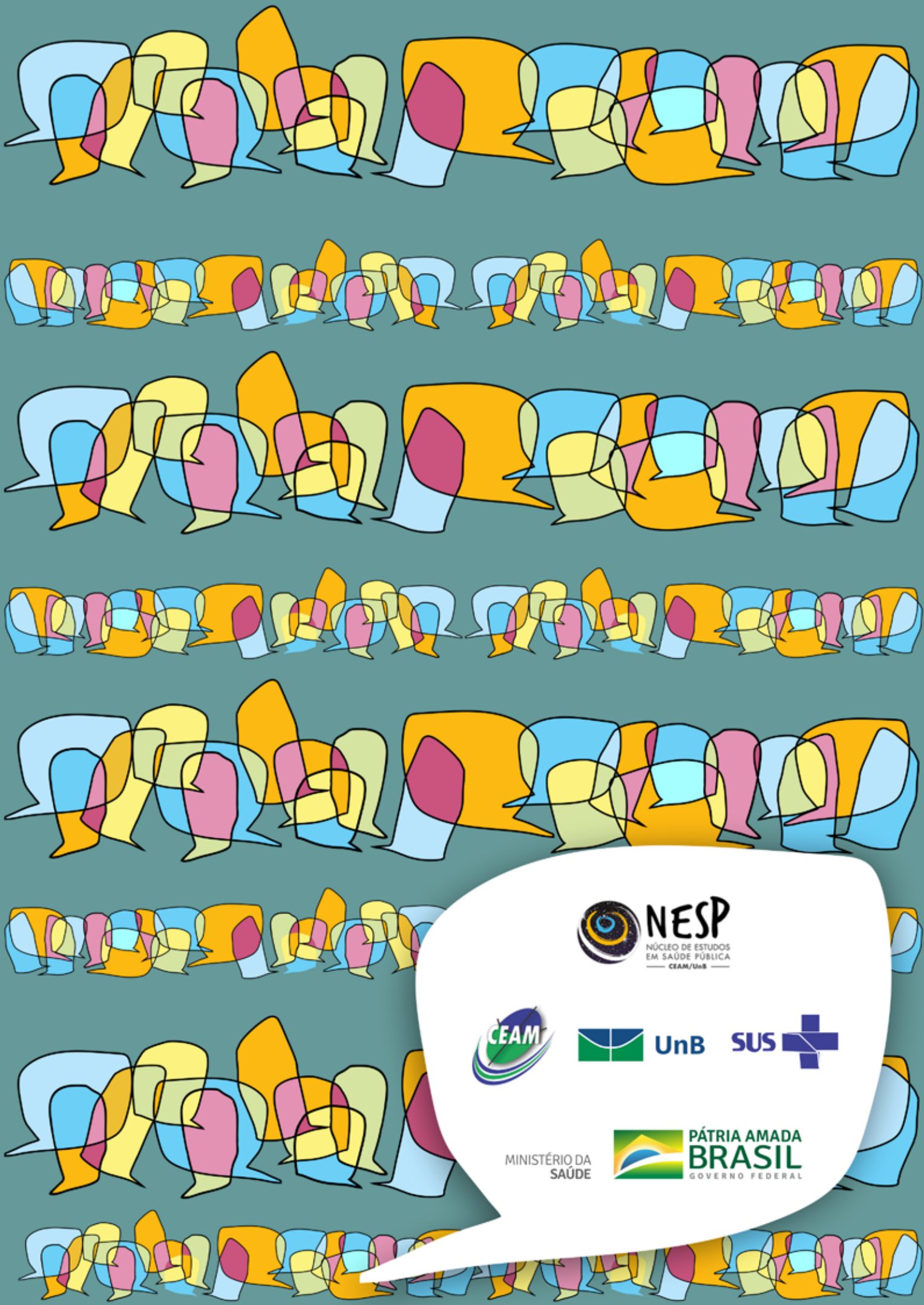
**4.4. Com relação aos elementos que integram o senso de identidade, não é correto afirmar:**

- ( ) O autoconceito é composto pelos atributos que a pessoa reconhece como seus, lembrando que são mutáveis ao longo da vida.
- ( ) O autoconceito é sempre classificado como positivo ou negativo, decorrendo dessa avaliação as qualidades e defeitos.
- ( ) A autoestima é a atribuição valorativa à característica mencionada no autoconceito.
- ( ) O conceito de autoeficácia diz respeito aos atributos avaliados pela pessoa na ótica do quanto são úteis para alcançar suas metas.

**4.5. Sabe-se que as adolescências podem ser muito beneficiadas pelo desenvolvimento de projetos de vida. Sobre isso, é correto afirmar:**

- ( ) Os adolescentes ainda apresentam dificuldades de hipotetizar e por isso é difícil pensar sobre si e sobre seu futuro,
- ( ) O senso de identidade é formado por crenças e objetivos, com foco na pessoa que quer se formar no futuro.
- ( ) A relação entre sentido de vida e autoeficácia não se justifica, pois a mutabilidade constante das características das adolescências não permite traçar ações para o futuro.
- ( ) Os trabalhos de intervenção que envolvem projeto de vida não oferecem muitos resultados, pois os adolescentes não conseguem regular suas ações e monitorar atitudes.





MINISTÉRIO DA SAÚDE



# **SOBRE OS AUTORES**

## **RACKYNELLY ALVES SARMENTO SOARES**

Docente do IFPB. Doutora em Modelos de Decisão e Saúde (UFPB), Mestre em Modelos de Decisão e Saúde (2012). Possui graduação em Tecnologia em Geoprocessamento pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (2008). Atua como pesquisadora do Núcleo de Estudos em Saúde Pública (UnB) na avaliação de políticas de iniquidades e na análise de situação de saúde. Membro da equipe editorial da *Tempus Actas de Saúde Coletiva*. Atualmente, colabora na Universidade Federal da Paraíba, no Núcleo de Estudo em Saúde Coletiva como docente. Integrante do grupo de pesquisa do Observatório da Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta. Tem interesse em modelos de decisão como árvores de classificação, em sistemas de informações em saúde, em Sistemas de Informações Geográficas, em Bancos de Dados Geográficos, em geoprocessamento aplicado à saúde, em big data. Desenvolve estudos epidemiológicos. Membro do grupo de pesquisa “Ensino: teorias e práticas na educação básica”, sediado no IFPB - Campus Sousa.

## **ANDRÉ RIBEIRO DA SILVA**

Doutor e Mestre em Ciências da Saúde, Especialista em Atividade Física para Grupo Especial e Gestão Pública, Graduado em Educação Física e Pedagogia. Professor de curso de especialização na Universidade de Brasília, Instituto de Cardiologia do Distrito Federal e Instituto Tratos, graduação em multidisciplinar na Universidade de Brasília e graduação em Educação Física, Enfermagem e Psicologia na Faculdade Linear. É pesquisador na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Universidade de Brasília. Consultor Ad hoc da Fundação de Apoio a Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF) e da Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (Finatec). Consultor Ad hoc de periódicos científicos nacionais e internacionais. É membro do Conselho Editorial da Editora Atena. É membro de Comissão de Publicação da Revista do Centro de Estudos Avançados e Multidisciplinares da Universidade de Brasília. É membro do Colégio Europeu de Ciências do Esporte. Tem experiência como coordenador e revisor pedagógico de cursos e disciplinas na modalidade a distância, pela Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância, Fundação Oswaldo Cruz e Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos. Tem experiência na área de TICs, Educação, Educação Física e Saúde Coletiva.

## MARIA FATIMA DE SOUSA

Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal da Paraíba, com pós doutorado pelo Centre de Recherche sur la Communication et la Santé (ComSanté), da Université du Québec à Montréal (UQAM). Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Ciências Sociais pela UFPB, especialista em Saúde Coletiva e graduada em Enfermagem pela UFPB. Professora Associada do Departamento de Saúde Coletiva, da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB, de onde foi diretora da Faculdade de Ciências da Saúde (2014-2018). Implantou e foi a primeira coordenadora do Mestrado Profissionalizante do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva e ex-coordenadora do Núcleo de Estudos em Saúde Pública (NESP), da UnB, e lá implantou a Unidade de Estudos e Pesquisas em Saúde da Família (UEPSF). Ex-vice-presidente da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO). Foi gerente nacional do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) e assessora no Programa Saúde da Família (PSF), junto ao Ministério da Saúde (1994-2001). Atuou como consultora nas Secretarias Municipais de Saúde e do Verde e Meio Ambiente, ambas em São Paulo. Tem experiência no campo da Saúde Coletiva, com ênfase em políticas públicas de saúde, modelos de atenção à saúde e gestão de sistemas locais de saúde.

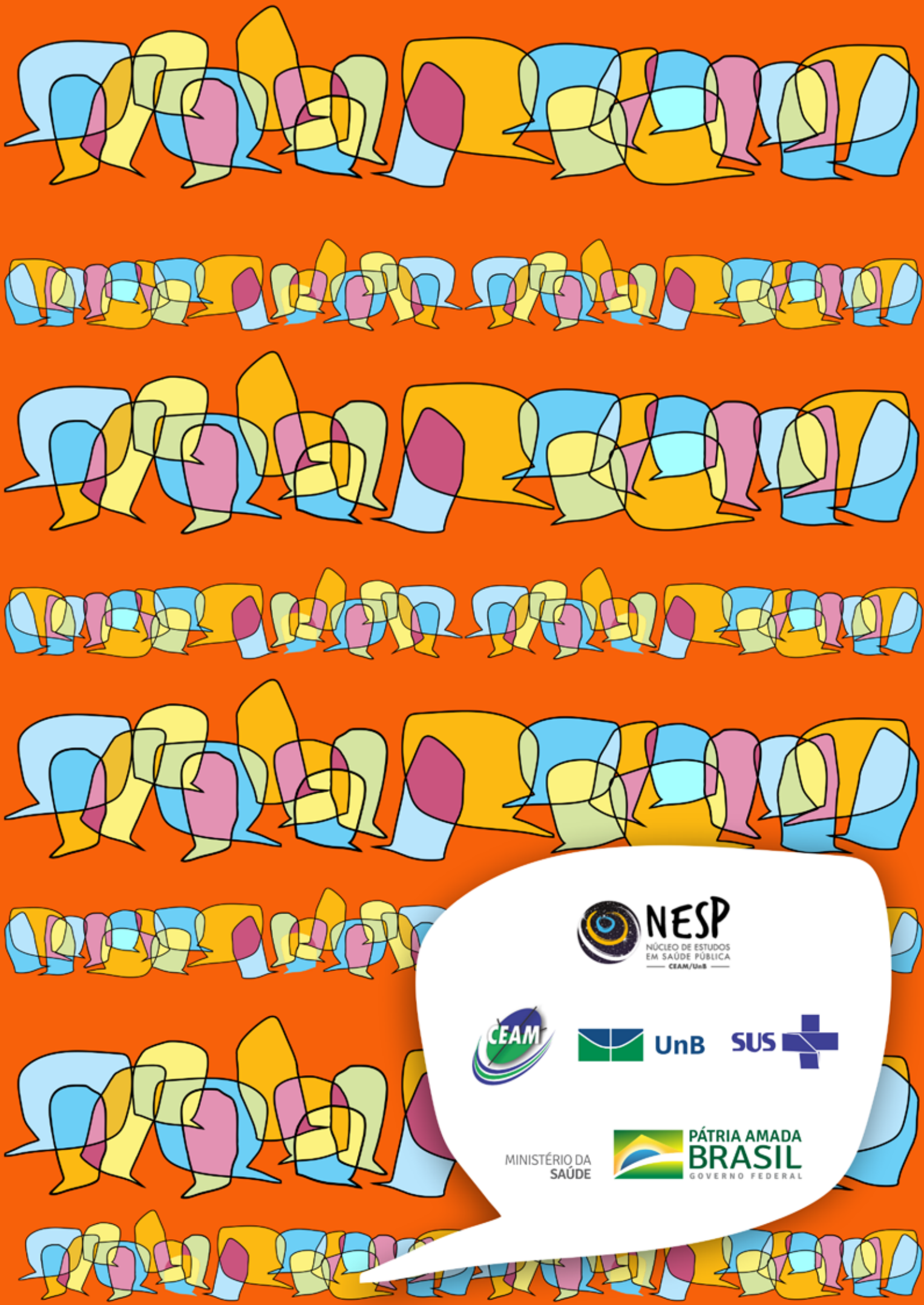
## JITONE LEÔNIDAS SOARES

Doutorando em Ciências da Saúde (UnB), Mestre (UnB) e Licenciado em Educação Física pela Universidade de Brasília (UnB); Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão de Educação a Distância (UFF); Especialista em Inovação em Mídias Interativas (UFG) e Especialista em Gestão Pública (UFG). Especialista em Educação Aberta e Digital pela Universidade Aberta de Portugal (UAberta) e Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Professor orientador e Membro do Comitê Gestor do curso de Especialização em Saúde da Família do programa de Pós Graduação da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília. Atuou como Professor substituto dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física da Universidade de Brasília (FEF-UnB). Experiência docente enquanto professor do curso de Licenciatura, Bacharelado em Educação Física e no Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Licenciatura em Educação Física modalidade a distância em faculdade particular do Distrito Federal. É Professor do Magistério Superior Voluntário no Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - CEAM / Núcleo de Estudos em Educação e Promoção da Saúde. Tem experiência em Educação a Distância no terceiro setor, público e privado. Participou da implementação e gestão dos cursos pioneiros em Educação Física a distância da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (FEF-EaD-UnB). Atuou como gerente e coordenador de produção de cursos online no Centro de Educação a Distância da Universidade de Brasília CEAD-UnB, Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília / Universidade Aberta do SUS e Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Saúde - (FIOTEC). Tem 12 anos de experiência em planejamento, implementação e gestão de projetos de EaD na graduação, pós graduação e extensão na UnB, UniR e UniFAP. Participou da idealização dos cursos online do programa de voluntariado do Governo Federal para a copa do mundo da FIFA Brasil 2014 para o Ministério do Esporte. Atuou em projetos para o Ministério da Educação - Programa Pró Licenciatura,

UAB - Universidade Aberta do Brasil, Conselhos Escolares e INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Ministério da Justiça, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Ministério da Saúde, Ministério do Trabalho e Emprego, Coordenadoria de Capacitação e Educação - PROCAP-UnB, Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA entre outras instituições. Criou a Escola Virtual da Associação Nacional dos Auditores da Receita Federal (EV-ANFIP). Tem interesse por: Educação a Distância, Inteligência Artificial, Chatbot, Bigdata, Educação Física, Exercícios Físicos, Lazer e Qualidade de Vida, AVC - Acidente Vascular Cerebral - E-mail: jitone@unb.br

## **ANA VALÉRIA MACHADO MENDONÇA**

Professora Associada do Departamento de Saúde Coletiva, da Universidade de Brasília (UnB). Pós doutora em Comunicação em Saúde, pelo Centre de Recherche sur la Communication et la Santé (ComSanté), da Université du Québec à Montréal (UQAM). Possui doutorado em Ciência da Informação pela UnB, mestrado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, especialização em Administração da Comunicação Empresarial e graduação em Jornalismo e Relações Públicas. Atualmente é coordenadora do Mestrado Profissional em Saúde Coletiva e do Núcleo de Estudos em Saúde Pública da UnB (NESP/CEAM/UnB). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Informação em Comunicação em Saúde Coletiva (CNPq-Brasil). Coordenou o Centro de Tecnologias Educacionais Interativas em Saúde, da Faculdade de Ciências da Saúde (CENTEIAS/FS). Foi consultora em projetos de inclusão digital para o Ministério das Comunicações. Tem experiência nas áreas das Ciências da Informação e da Comunicação com ênfase em Comunicação da Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: informação e comunicação em saúde, tecnologias da informação e comunicação em saúde, inclusão digital, alfabetização em informação e em comunicação, redes e mídias sociais e ensino a distância.



MINISTÉRIO DA SAÚDE

